

“Sou atleta de um desporto coletivo e Mulher. Serei uma peça rara?”: a visão das atletas

Autores

Bebiana Sabino¹; Nuno Loureiro²

bebiana.sabino@ipbeja.pt

Resumo

A existência de assimetrias de género no espaço desportivo continua a ser uma realidade de cariz nacional e internacional, que enfrenta adversidades históricas, culturais e sociais na ação de mudança. Ao longo dos últimos anos, o aumento da participação desportiva no género feminino a nível nacional, evidencia alguns progressos na igualdade de direitos. Porém, nos escalões de rendimento a fixação de atletas é ainda escassa. Perante este cenário é importante intervir, delineando estratégias adequadas aos contextos reais de prática. Para tal, este estudo tem como objetivo compreender, através da “lente” da própria atleta, a posição que esta ocupa dentro da modalidade. O estudo aqui proposto enquadra-se no paradigma interpretativo com recurso a metodologia qualitativa. Foram incluídas no estudo seis atletas de andebol feminino, internacionais A por Portugal. A recolha de dados foi efetuada através de uma entrevista semiestruturada individual, que incidiu sobre o percurso desportivo das atletas, bem como os facilitadores e inibidores da prática desportiva. A análise temática sobre as narrativas das atletas permitiu aferir as dificuldades que enfrentam em se manter a praticar à medida que atingem o escalão sénior, salientando a exigência pessoal na organização e conciliação da vida escolar/profissional com a prática desportiva. A família, os pares, o gosto pela prática da modalidade e a definição de objetivos desportivos nas fases iniciais de envolvimento com a prática, são fatores determinantes que as distingue das restantes colegas que abandonaram precocemente a modalidade.

Palavras-chave: Igualdade de género, sexismo, estereótipos, andebol

¹ Laboratório de Atividade Física e Saúde, Instituto Politécnico de Beja

² ISAM, Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa

Introdução

A história retrata um continuum social de desigualdade de género, onde o género masculino aparece dominante por segregação do género feminino. A necessidade de mudar, encontra-se explícita no 5º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável definido pelas Nações Unidas (19). O índice da igualdade de género de Portugal em 2020 mostra uma subida no *ranking* mas com 7 pontos abaixo da média da União Europeia (10).

A história mostra que as ações primordiais de carácter desportivo formal, constituíam um fator de discriminação para as mulheres, proibindo a sua participação na vida desportiva (13). O espaço desportivo não ficou aquém do progresso social e, ao longo do século XX, foi evidente uma diminuição do sexismo no desporto, contudo, persiste até à atualidade, nomeadamente nos desportos coletivos (16).

Diferentes organismos nacionais (e.g. Comissão Mulheres e Desporto do Comité Olímpico de Portugal) internacionais (e.g. Comité Olímpico Internacional), conscientes da necessidade de alterar as assimetrias de género no desporto, procuram colaborativamente, implementar políticas sociais e desportivas.

Apesar dos números demonstrarem um aumento da participação desportiva feminina em Portugal (15), o desenvolvimento ao nível do alto rendimento é ainda escasso, sem expressão mediática.

É determinante compreender a perceção das experiências das atletas femininas de modo a definir estratégias específicas que possam orientar esta mudança. O principal objetivo deste estudo é compreender o lugar ocupado pela mulher no andebol em Portugal.

Metodologia

Esta investigação é de carácter descritivo, com uma metodológica qualitativa para compreender o fenómeno da igualdade de género no andebol.

A amostra deste estudo foi constituída por 6 atletas femininas, internacionais A por Portugal, a competirem em Portugal (n=3) e no estrangeiro (n=3). A média de idades foi de 30 ± 5.8 anos e a média dos anos de prática foi de $19,8 \pm 5,7$ anos. A seleção da amostra decorreu por conveniência procurando conjugar atletas internacionais e com diferentes contextos de competição. A participação foi voluntária e manifestada

através do consentimento informado, no qual era explicado o objetivo do estudo. Esta investigação foi aprovada pela Comissão de Ética do Instituto Politécnico de Beja (parecer nº01/2020).

Foi elaborado um guião de entrevista semiestruturado focalizado no percurso desportivo, facilitadores e inibidores da prática desportiva e perspetivas de desenvolvimento da modalidade.

A recolha de dados ocorreu Julho e Dezembro de 2020. As entrevistas tiveram a duração de 60 min e foram registadas digitalmente e transcritas.

A análise dos dados foi realizada de forma dedutiva e indutiva, recorrendo a análise temática para identificar padrões e com base nos procedimentos sequenciais propostos na literatura para garantir o processo de validação (2). Os discursos das participantes revelaram três temas: i) momento crucial: continuidade ou abandono; ii) sexismo no desporto; iii) meios de comunicação. A elaboração dos resultados segue uma abordagem de escrita ilustrativa com recurso a citações.

Resultados e Discussão

Momento Crucial: continuidade ou abandono

Em Portugal, o número de atletas femininas federadas no andebol (de 96 a 2018) aumentou de 4.418 para 20.334 atletas (15). Todavia, quando analisamos apenas escalão sénior o número de atletas inscritas é reduzido (de 472 para 849 atletas) (15). Estes dados demonstram a complexidade que as mulheres enfrentam na prática da modalidade nos níveis mais avançados de rendimento.

Os relatos das atletas entrevistadas ilustram essa dificuldade, ao identificar fatores que as colocam fora da tendência de abandono precoce.

“só realmente quem tem uma paixão enorme é que consegue chegar mais longe [continuar a jogar]. Eu tenho um orgulho enorme naquilo que consegui fazer. Só mesmo com muita dedicação, muita entrega e espírito de sacrifício é que se consegue ser uma mulher no desporto a um nível elevado.” (A5)

A paixão pelo desporto é um dos motivos mais referenciados para a participação das atletas e é apresentado como uma das razões de superação das diferentes barreiras com que se vê confrontada para se manter em prática (4).

A transição dos escalões de formação para o de sénior, corresponde temporalmente, à transição do ensino secundário para o superior e as dificuldades relacionadas com o abandono precoce, podem estar associadas a este processo transitório e à incapacidade de perspetivar um futuro ligado à modalidade.

“...vivenciei isto na minha equipa porque cada vez os estudos exigiam mais tempo, mais atenção e o andebol foi ficando como segundo plano. Um dos fatores [para o abandono] é pensar no futuro [...] porque a verdade é que em Portugal as condições não são as melhores para praticar desporto feminino. Então chega a um ponto em que se tem que pesar os sacrifícios [...] chega a essa fase e desiste.” (A4)

O equilíbrio entre os compromissos escolares e desportivos são um desafio para as atletas. A possibilidade de viver exclusivamente do desporto está longe da realidade nacional, e as atletas procuram o suporte académico como garantia de futuro profissional (4). Esta conciliação torna-se também uma barreira pela falta de adequação do sistema educativo.

“já na escola [ensino secundário] senti algumas dificuldades, o facto de faltar com muita frequência, mas a maior dificuldade foi depois na faculdade. Apesar de estar na área de desporto, nem sempre esta parte [o ser atleta] era vista com bons olhos e senti algumas dificuldades em conciliar e mudar exames [...]” (A5)

O ensino superior pode ser uma barreira, mas não é a última para quem persiste na prática da modalidade. As jogadoras que se mantêm a jogar a nível nacional e que não são profissionais retratam as complexidades do seu dia-a-dia para continuarem a praticar.

“Quando estudava [...] era mais fácil, agora tenho outras responsabilidades de trabalho, sendo que considero o desporto como um investimento pessoal porque se não o encarar desta maneira, eventualmente já não existiria. [...] Nem sempre é fácil, trabalhar das 8h às 17h ou às 19h e chegar ao final do dia de trabalho e ir treinar [...] manter aquele ritmo desportivo, aquela capacidade de treino e de jogo [...]” (A1)

As atletas que diariamente lidam com o desafio de conciliar a profissão e a prática, referem que ***“uma das coisas que mais gostava de fazer era jogar andebol de uma forma profissional”*** (A6) e de ***“ter tido oportunidade de ter experienciado outras coisas que me oferecessem possibilidade de evoluir e desenvolver as minhas capacidades [...]”*** (A1) mas que ***“a realidade e o contexto, as coisas nem sempre são possíveis”*** (A6). Já as atletas que são atualmente profissionais evidenciam o contraste do seu quotidiano comparativamente ao referido.

“[...] no ano em que tinha que trabalhar passava o dia inteiro de pé e depois chegar ao final do dia e ainda ter que ir treinar, foi realmente muito duro fisicamente e também psicologicamente. Agora que sou profissional e tenho colegas de equipa e de seleção que ainda fazem isso é, mesmo de louvar esse sacrifício” (A2)

Para além de todas as exigências profissionais que condicionam as prestações desportivas das atletas e que representam um dos motivos para o abandono precoce da modalidade, outros fatores surgem associados à referida falta de tempo, nomeadamente a privação de momentos sociais com família e amigos.

“[...] o que eu acho é que as pessoas com condições de vida semelhante à minha acabam por abandonar o desporto porque não têm tempo para outras coisas, estar com amigos, estar com família, não ter tanto tempo para viajar ou simplesmente não conseguir chegar a casa para fazer o jantar a horas normais.”
(A1)

A família e os pares são fatores do envolvimento que podem determinar a participação desportiva. As mulheres referem que, tanto no início da prática, como ao longo do percurso, sempre se sentiram apoiadas e encorajadas pelas suas famílias (4).

“sempre senti o apoio da minha família em todas as decisões desportivas que tomei, apesar de não serem fãs, nunca me limitaram as escolhas” (A6)

Apesar de todos os desafios e dificuldades, a definição de plano de vida e a sua organização são determinantes para se manterem na modalidade, sendo que todas as participantes apresentam um foco de alcançar um nível competitivo mais elevado.

“[...] defini que queria ser profissional na modalidade. Eu via na televisão outros desportos e dizia que queria ser conhecida como aqueles jogadores. Trabalhei sempre em função desse objetivo, que defini muito cedo” (A2)

Sexismo no desporto

Algumas atletas manifestam sentimentos de discriminação gerados pela modalidade em si, ou seja, a cultura nacional concebe que, desporto significa futebol, e todas as outras modalidades aparecem num plano distinto e inferior. Algumas entrevistadas evidenciam situações que ainda mostram a presença de discriminação entre géneros, mencionando que o desporto ***“ainda é um espaço muito masculino”*** (A5). Esta ideia está subjacente ao estereótipo construído, em que ao homem são atribuídas características como a capacidade de liderança, a força e a competitividade, e à mulher, características como a fragilidade, a dependência e a submissão (3). Estes estereótipos conduzem ao entendimento do desporto, como sendo do género masculino e que, na maioria das modalidades, não se enquadra na condição feminina (12). O estereótipo sociocultural que define desportos específicos para a mulher (18) é uma barreira à sua participação desportiva global, pois inibe a sua integral liberdade de escolha (4). No caso do andebol, o contacto físico é uma das suas características e apresenta-se como uma identidade predominantemente masculina, fugindo às normas sociais e comportamentais atribuídas à mulher (8). Este é um dos estereótipos aos quais as atletas nacionais ainda estão sujeitas na atualidade, mas que já foi desconstruído em outros países (20).

Outros estereótipos relacionados com o aspeto físico estão ainda interiorizados na sociedade, em que a crença que a prática desportiva conduz à definição de um corpo masculino (4). Duas entrevistadas consideram que essa crença se tem esbatido com o tempo.

“Todas as estátuas dos Jogos Olímpicos, para além ser o homem sempre representado, era visível as saliências musculares. Logo quando falamos do atleta em termos sociais a imagem leva-nos aquele corpo das estátuas. Mas eu acho que hoje já não é bem assim. Hoje um corpo ‘construído’ está na moda.” (A1)

Contudo, algumas atletas reconhecem que a modificação corporal provocada pela prática desportiva pode acarretar condicionalismo psicológicos em determinadas situações.

“No início também me incomodava os comentários por causa dos ombros, mas com a idade acabas por ganhar mais confiança em ti, mas se tens uma autoestima baixa complica.” (A3)

Existem evidências que as atletas que percecionam estes estereótipos apresentam rendimento desportivo inferior (14).

Na maioria das sociedades é esperado que o comportamento da mulher e do homem seja distinto e que assumam diferentes papéis. Os papéis de género, construídos com base numa sociedade patriarcal, ainda são evidentes na atualidade e isso tem repercussões em diferentes áreas e também no desporto (17, 21).

“[...] no desporto, como na advocacia ou na medicina a luta da mulher tem sido muita e o andebol não é exceção. É precioso batalhar muito para ter metade das condições e oportunidades que os homens têm” (A2)

O papel de esposa e mãe está culturalmente enraizado, logo esta é mais uma ideologia e imposição social que afeta a prática desportiva feminina.

“[...] as mulheres existem para serem mulher de família, para terem filhos. Sem falar dos raros casos que conseguem depois disso ter uma vida que lhes permita continuar a jogar [...] porque os homens têm um papel mais facilitado.” (A5)

As teorias sócio construtivistas indicam que as diferenças entre géneros no desporto devem variar em função da falta de oportunidade e práticas sociais (3). Em países como os EUA (6) e o Canadá (5), a desconstrução de barreiras culturais e o aumento da participação desportiva feminina residiu numa distribuição equitativa do financiamento, do acesso a instalações/equipamento desportivo e dos recursos. No andebol português ainda não chegou a esse patamar e a discrepância de recursos pode condicionar toda a prática desportiva.

“O feminino é sempre o último a escolher os horários, o que quer dizer que iniciamos às 10 da noite. A partir daqui as condições já são diferentes.” (A6)

O direito do trabalho prevê remunerações idênticas para trabalho idêntico. Contudo, no desporto este argumento não é válido e são várias as situações que retratam as desigualdades de pagamento entre homens e mulheres (1).

“Em termos de seleção a verdade é que vai haver ser uma discrepância entre o masculino e o feminino porque há resultados no masculino e ainda não há resultados no feminino. Mas há outras coisas incompreensíveis, como por exemplo, as diárias nas seleções nacionais. Não sei se seria o feminino igualar o masculino ou o contrário. O certo é que é o mesmo serviço prestado à nação pago em função se és rapaz ou rapariga.” (A4)

Desde as diferentes condições e oportunidades, à falta de investimento, a remuneração ou a visibilidade, muito ainda há para desenvolver no andebol feminino. As mulheres no desporto continuam a receber um tratamento desajustado, traduzido pela falta de paridade de recursos e de reconhecimento desportivo (21).

Meios de comunicação

Os *media* desportivos têm um papel importante na promoção do desporto. Todavia, na ótica da igualdade de género, representam um entrave, pois expressam um tratamento diferenciado ao desporto masculino e feminino, expressando uma sub-representação da mulher (7).

“O papel da comunicação social não é de todo cumprido no desporto feminino em geral. Isto é, dá-se visibilidade em casos especiais quando há finalista, mas não vai muito além disso. Essa divulgação era fundamental, nomeadamente a era em que estamos pelo fácil acesso à informação de um modo digital.” (A6)

A representação feminina é superior nos desportos concebidos socialmente como femininos (11), assistindo-se a um desinteresse por desportos com uma construção distinta, como é o caso do andebol. Esse papel de divulgação, deve congrega um trabalho de diferentes entidades e participantes que têm interesse na promoção da modalidade.

“Já se notam progressos, pelo menos no futebol feminino consegues ver que há mais dinamização [...] em expor as atletas que estão fora, as atletas que estão em diferentes clubes, como é o dia a dia delas. Tem que partir da federação em mostrar que quer apoiar e claro é também um passo para os media se interessarem.” (A3)

Para além do reconhecimento e da mudança cultural que a atenção da comunicação social pode operar, as atletas salientam a repercussão que esta visibilidade poderia ter para o investimento na modalidade.

“se tens visibilidade na comunicação social as empresas olham para ti de forma apelativa. Como não há visibilidade do desporto feminino claro que também não há aposta por parte das empresas.” (A1)

A era digital, com a importância que as redes sociais assumem no quotidiano, reuniu uma possibilidade alternativa de promoção do desporto feminino, pela sua facilidade de acesso e capacidade de difusão. No entanto, é importante compreender o modo de comunicação da imagem das atletas, pois as mesmas estratégias de marketing para os diferentes géneros podem não ser eficazes (9).

“[...] tu própria tens que divulgar, onde jogas, com quem jogas. Tem que partir de nós, também depende de nós a divulgação do nosso trabalho” (A3)

Os estudos mostram que a chave do relacionamento com os fãs, no caso da atleta, está relacionada com a atmosfera familiar agradável e com interações de equipa pós-jogo (9), como se verifica de seguida.

“as redes sociais fizeram uma grande diferença porque fizeram com que a voz das atletas femininas fosse ouvida e através de uma perspetiva pessoal e não com o filtro de outra pessoa. Acabou por mostrar que existem atletas profissionais e essas atletas têm uma vida. Para mim é incrível ver como as atletas que eu admiro gerem o seu dia-a-dia [...]” (A4)

Para além disso as redes sociais apresentam ainda a possibilidade de chegar aos jovens, futuros atletas e capacitar o sistema com mais praticantes, através de criação de referências desportivas. As referências desportivas para os mais jovens, independentemente do seu género, são o atleta masculino e o trabalho na imagem podem agregar mudança neste ideal de referência.

“ [...] tu és mulher, mas gostavas de ser como um atleta masculino, essa ideia do atleta ideal quase que é sempre associado a um atleta masculino. Ou estás num contexto que fomenta o desporto feminino ou então as coisas tornam-se muito difíceis [...]” (A1)

Conclusão

As diferenças entre género no desporto são mais evidentes em sociedades patriarcais, sugerindo a influencia de fatores históricos e socioculturais nas assimetrias de género no desporto. No andebol português são poucas as atletas que conseguem gerir a vida profissional, social e pessoal com a prática desportiva. Reduzir as desigualdades através de direitos iguais, da remuneração a atletas femininas, a construção de equipas financeiramente sustentáveis e a criação de heroínas/referências nacionais, impõe-se com urgência. A delineação de estratégias de ação deve contemplar a compreensão da realidade expressa neste estudo em primeira pessoa pelas atletas. Com a limitação do número de participantes, mas com potencial de integrar futuramente a visão de outros agentes envolvidos e elaborar uma compreensão holística do espaço do andebol feminino português e que o projete para a sustentabilidade.

Bibliografia

1. Archer A, Prange M (2019). 'Equal play, equal pay': moral grounds for equal pay in football. *Journal of the Philosophy of Sport* 46, 3: 416-436.
2. Braun V, Clarke V, Weate P (2016). Using thematic analysis in sport and exercise research. In: Smith B, Sparkes A (ed.). *Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise*. London: Routledge,
3. Chalabaev A, Sarrazin P, Fontayne P, Boiché J, Clément-Guillotin C (2013). The influence of sex stereotypes and gender roles on participation and performance in sport and exercise: Review and future directions. *Psychology of Sport and Exercise* 14, 2: 136-144.
4. Cooky C, Begovic M, Sabo D, Oglesby CA, Snyder M (2016). Gender and sport participation in Montenegro. *International Review for the Sociology of Sport* 51, 8: 917-939.
5. Culver DM, Kraft E, Din C, Cayer I (2019). The Alberta Women in Sport Leadership Project: A Social Learning Intervention for Gender Equity and Leadership Development. *Women in Sport and Physical Activity Journal* 27, 2: 110.
6. de Soysa L, Zipp S (2019). Gender equality, sport and the United Nation's system. A historical overview of the slow pace of progress. *Sport in Society* 22, 11: 1783-1800.
7. Delorme N (2014). Were Women Really Underrepresented in Media Coverage of Summer Olympic Games (1984–2008)? An Invitation to Open a Methodological Discussion Regarding Sex Equity in Sports Media. *Mass Communication and Society* 17, 1: 121-147.
8. Dunning E (1992). O desporto como uma área reservada masculina: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: Elias N, Dunning E (ed.). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel,

9. Eden K, Upright P, Hey W (2013). What Women Want: Marketing Tactics for Female Sport Fans and Female Sports Teams. *KAHPERD Journal* 50, 2: 17-24.
10. EIGE. Índice da Igualdade de Género 2020: Portugal Vilnius: Instituto Europeu para a Igualdade de Género/ European Institute for Gender Equality, 2020
11. Fink JS (2015). Female athletes, women's sport, and the sport media commercial complex: Have we really "come a long way, baby"? *Sport Management Review* 18, 3: 331-342.
12. Gomes PB, Silva P, Queirós P (2000). *Equidade na educação: educação física e desporto na escola*. Oeiras: Associação Portuguesa a Mulher e o Desporto.
13. Hargreaves J (1994). *Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sport*. London: Routledge.
14. Hively K, El-Alayli A (2014). "You throw like a girl:" The effect of stereotype threat on women's athletic performance and gender stereotypes. *Psychology of Sport and Exercise* 15, 1: 48-55.
15. Praticantes Desportivos Federados. Quantos atletas existem nos mais diversos tipos de desporto [database on the Internet]. 2020 [cited 2021-03-30]. Available from:
<https://www.pordata.pt/Portugal/Praticantes+desportivos+federados+total+e+po+r+algumas+federa%C3%A7%C3%B5es+desportivas-2226>
16. Ogilvie M, McCormack M (2020). Gender-collaborative training in elite university sport: Challenging gender essentialism through integrated training in gender-segregated sports. *International Review for the Sociology of Sport* 0, 0: 1012690220980149.
17. Sartore ML, Cunningham GB (2007). Explaining the Under-Representation of Women in Leadership Positions of Sport Organizations: A Symbolic Interactionist Perspective. *Quest* 59, 2: 244-265.
18. Silva M-RG, Barata P (2016). Athletes and coaches' gender inequality: The case of the gymnastics federation of Portugal. *Science of Gymnastics Journal* 8: 187-196.
19. UN (2018). United Nations. United Nations sustainable development goals, 17 Goals to transform our world. USA: United Nations; [cited 2021]; disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/sdgs-framework-for-covid-19-recovery/>
20. Von Der Lippe G (1994). Handball, Gender and Sportification of Body-Cultures: 1900-40. *International Review for the Sociology of Sport* 29, 2: 211-231.
21. Walker NA, Sartore-Baldwin ML (2013). Hegemonic Masculinity and the Institutionalized Bias Toward Women in Men's Collegiate Basketball: What Do Men Think? *Journal of Sport Management* 27, 4: 303.